

**Análise funcional do esquema [[X de]que]_{conect} em língua portuguesa:
uma abordagem centrada no uso**

**Functional analysis of the [[X de]que]_{conect} schema in Portuguese:
a usage-based approach**

Ivo da Costa do Rosário¹

Universidade Federal Fluminense/CNPq, Brasil

RESUMO

O objetivo geral deste artigo é descrever e analisar qualitativamente as propriedades formais e funcionais do esquema [[X de]que]_{conect}, à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Rosário, 2022b). A hipótese central é que a rede [X de]_{conect} (Rosário, 2022a) tem passado por expansões de ordem sintática e categorial (cf. Himmelmann, 2004), fazendo com que conectores especializados na ligação de orações não finitas passem também a atuar na ligação de orações finitas, atraídos pelo esquema [[X de]que]_{conect}. A pesquisa é de cunho teórico, com tratamento qualitativo de dados extraídos do *Corpus do Português*. Resultados comprovam que há uma forte relação inter-redes entre [X de]_{conect} e [X que]_{conect}, pois esta é alimentada por aquela, dando origem aos conectores do esquema [[X de]que]_{conect}, tais como *apesar de que*, *além de que*, *em face de que*, *a respeito de que* e *à exceção de que*.

PALAVRAS-CHAVE:

Conexão interoracional. Orações não finitas. Hipotaxe. Gradiência. Construções

ABSTRACT

The main objective of this article is to describe and qualitatively analyze the formal and functional properties of the [[X de]que]_{conect} schema, within the framework of Usage-Based Functional Linguistics (cf. Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Rosário, 2022b). The central hypothesis is that the [X de]_{conect} network (Rosário, 2022a) has undergone syntactic and categorial expansions (cf. Himmelmann, 2004), leading connectors originally specialized in linking non-finite clauses to also operate in the linking of finite clauses, under the attraction of the [[X de]que]_{conect} schema. The study is theoretical in nature and adopts a qualitative treatment of data extracted from the *Corpus do Português*. The results demonstrate a strong inter-network relationship between [X de]_{conect} and [X que]_{conect}, in that the latter is fed by the former, giving rise to connectors instantiating the [[X de]que]_{conect} schema, such as *apesar de que*, *além de que*, *em face de que*, *a respeito de que* and *à exceção de que*.

KEYWORDS:

Interclausal connection. Non-finite clauses. Hypotaxis. Gradience. Constructions

Recebido em: 12/01/2026

Aceito em: 14/08/2026

¹ E-mail: rosario.ivo3@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1315-6787>

1. Introdução

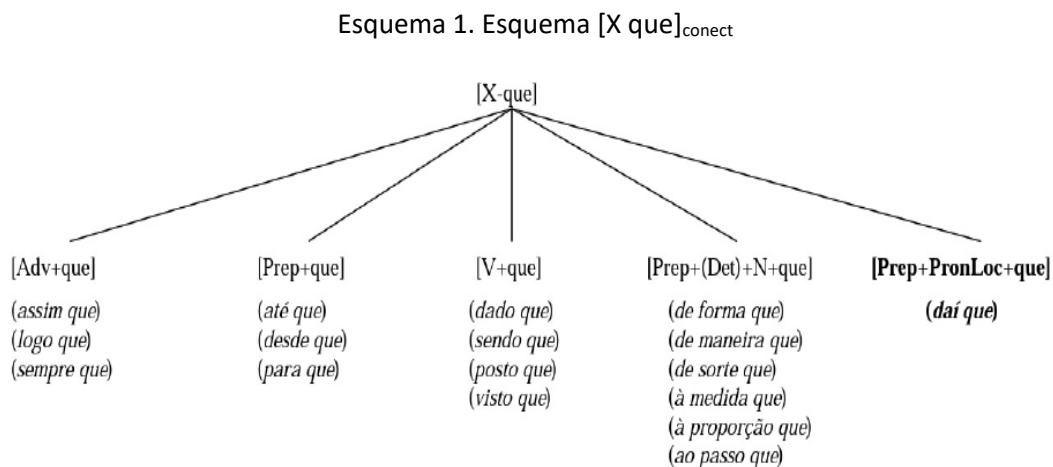
Este estudo insere-se em uma ampla agenda de pesquisa, ligada ao trabalho que vem sendo desenvolvido por parte dos pesquisadores do *Grupo de Estudos Discurso & Gramática e do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações*, ambos sediados no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. O interesse comum dessa grande rede de pesquisa está no levantamento, na descrição e na análise dos conectores em uso na língua portuguesa. Contudo, é forçoso reconhecer que, para além desse interesse comum dos grupos já citados, o estudo da conexão interoracional constitui um dos pilares centrais da investigação sintática no âmbito das línguas naturais (cf. Oliveira e Rosário, 2023; Rosário, Lopes e Oliveira, 2024).

Tradicionalmente, as gramáticas normativas do português têm dedicado atenção privilegiada a um conjunto relativamente restrito de conectores, notadamente aqueles derivados da partícula *que* – as chamadas conjunções subordinativas integrantes e adverbiais – e alguns conectores coordenativos. Essa abordagem, embora útil para fins didáticos, é reducionista e tende a ofuscar a riqueza e a complexidade do inventário dos conectores da língua, especialmente no que diz respeito a formas menos canônicas, mas igualmente produtivas e de uso sistemático (cf. Rosário, 2022a).

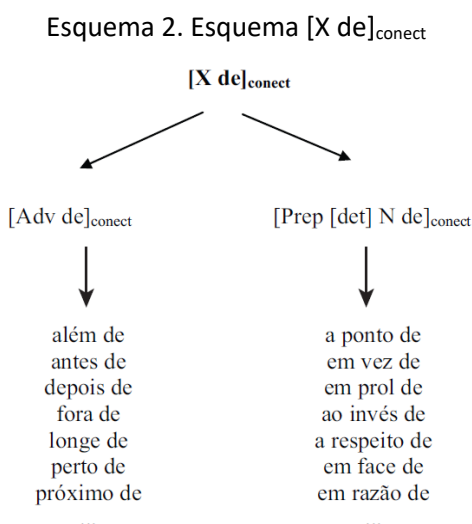
Nos últimos anos, a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), em diálogo com a Gramática de Construções e a Linguística Cognitiva (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Rosário, 2022b), tem propiciado um alargamento significativo do escopo da investigação dos mecanismos de conexão. Sob essa perspectiva teórica, a gramática é concebida como um inventário dinâmico de construções – pareamentos convencionalizados de forma e de função – organizadas em redes esquemáticas (cf. Goldberg, 1995; 2006; Croft, 2001; Traugott; Trousdale, 2013). Tais redes, por sua vez, não são estáticas, mas passam por processos contínuos de expansão e reorganização, alimentadas pelo uso efetivo da língua em situações reais de comunicação.

Dentro desse amplo programa de pesquisa, as investigações têm estado concentradas em duas grandes redes construcionais responsáveis pela combinação de orações em português: a rede [X *que*]_{connect}, mais amplamente investigada (Lima-Hernandes, 2010; Arena, 2015; Cezario, Silva e Santos, 2015), e a rede [X *de*]_{connect}, cuja caracterização orgânica, até onde se sabe, é mais recente (Rosário, 2022a). Esta última abriga conectores como *antes de*, *depois de*, *em vez de*, *em prol de*, *a ponto de*, entre outros, que, para além do seu papel canônico central de locuções prepositivas, atuam também na introdução de orações hipotáticas infinitivas. Vejamos uma representação

esquemática de ambas as redes:



Fonte: Arena (2015, p. 67)



Fonte: Rosário (2022a, p. 371)

Grosso modo, a rede [X que]_{conect} é a mais canônica do português, voltada para a ligação de orações finitas. Por sua vez, a rede [X de]_{conect} é escamoteada na descrição das relações interoracionais, dada a sua baixa prototipicidade e também devido ao seu caráter mais periférico na gramática. Contudo, sua produtividade e seu papel funcional de ligar orações não finitas são comprovados por meio de pesquisas mais recentes, conforme demonstrou Rosário (2022a).

Este artigo avança nessa ampla agenda ao propor e investigar uma terceira rede, que se situa em uma zona de interseção entre as duas anteriores: o esquema [[X de]que]_{conect}. Trata-se de um padrão formal no qual conectores típicos da rede [X de]_{conect} – como *apesar de*, *além de*, *em face de* – são acrescidos da partícula *que*, passando assim a introduzir orações finitas.

Instanciações como *apesar de que*, *além de que*, *em face de que*, *a respeito de que* e *à exceção de que*, entre outras, são atestadas em *corpora* de língua em uso, embora raramente recebam tratamento nas gramáticas tradicionais ou mesmo em estudos descritivos desenvolvidos mais recentemente.

A hipótese central que orienta este trabalho é a de que o esquema $[[X \text{ de}] \text{que}]_{\text{conect}}$ emerge como resultado de processos expansivos que afetam tanto a rede $[X \text{ de}]_{\text{conect}}$ quanto a rede $[X \text{ que}]_{\text{conect}}$. Por um lado, conectores da primeira rede sofrem mudança de contexto sintático (Himmelmann, 2004), migrando do domínio da conexão de orações não finitas para o da conexão de orações finitas, atraídos pela produtividade do esquema $[X \text{ que}]_{\text{conect}}$. Consequentemente, a rede $[X \text{ que}]_{\text{conect}}$ sofre mudança de classe hospedeira, ampliando seu paradigma para incluir não apenas elementos morfológicos simples (advérbios, preposições, verbos, nomes), mas também construções conectivas complexas oriundas de outra rede.

Este estudo, de natureza teórica e marcadamente qualitativa, tem como objetivo geral descrever e analisar as propriedades formais e funcionais do esquema $[[X \text{ de}] \text{que}]_{\text{conect}}$, contribuindo para uma visão mais abrangente e dinâmica do sistema de conexão do português. Para tanto, partimos do arcabouço teórico da LFCU, na perspectiva da abordagem construcional de gramática, utilizando dados extraídos do *Corpus do Português* para ilustrar e analisar as ocorrências.

Feitas estas considerações finais, na próxima seção, discutimos, com maior detalhamento, o arcabouço teórico definido para este estudo para, em seguida, focarmos mais detidamente na rede $[[X \text{ de}] \text{que}]_{\text{conect}}$ e suas principais propriedades. Por fim, traçamos algumas considerações finais. Vale frisar que esta é uma primeira incursão no tema; logo, a abordagem será panorâmica, mais interessada em aspectos gerais e qualitativos da análise.

2. Arcabouço teórico

A Linguística Funcional Centrada no Uso parte de uma concepção de gramática profundamente distinta daquela assumida por modelos formalistas clássicos. Em vez de compreender a gramática como um sistema autônomo, composto por regras abstratas e independentes da experiência linguística, a LFCU concebe a gramática como um sistema emergente, construído e continuamente reorganizado a partir do uso reiterado da língua em práticas comunicativas concretas (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Rosário, 2022b). Nessa perspectiva, o uso não é um domínio periférico ou meramente ilustrativo,

mas o *locus* fundamental de onde emergem as regularidades gramaticais (cf. Rosário e Oliveira, 2021).

Essa concepção implica uma mudança epistemológica relevante: regularidades linguísticas deixam de ser vistas como entidades pré-existentes e passam a ser entendidas como generalizações cognitivas resultantes da experiência. A gramática, assim, não antecede o uso; ela é moldada por ele. Sob essa ótica, fatores como frequência de ocorrência, saliência cognitiva, esquematicidade e adequação discursiva desempenham papel central na consolidação de padrões linguísticos relativamente estáveis.

No âmbito da LFCU, a noção de uso é indissociável da noção de variação (cf. Rosário, 2022c). Padrões gramaticais não são homogêneos nem categóricos, mas graduais e probabilísticos. A variação não é um “ruído” do sistema, mas um componente constitutivo de seu funcionamento. É justamente a recorrência de variantes em contextos funcionalmente semelhantes que permite a emergência de esquemas mais abstratos, progressivamente estabilizados na competência linguística dos falantes.

Essa abordagem mostra-se particularmente produtiva para o estudo de construções conectoras complexas, como aquelas que compõem a rede $[[X \text{ de}] \text{que}]_{\text{connect}}$. Tais construções dificilmente poderiam ser explicadas por regras sintáticas rígidas ou por listas fechadas de conectores, uma vez que apresentam considerável grau de variabilidade formal e produtividade. Além disso, muitas dessas construções se estabilizam gradualmente no uso, por meio de processos de analogização e convencionalização, o que evidencia um funcionamento gramatical baseado em redes de pareamentos emergentes de forma e função, e não em regras categóricas ou inventários previamente delimitados. Sua existência, ao contrário, aponta para um funcionamento gramatical sensível ao uso, a padrões analógicos e à organização discursiva do texto.

Neste trabalho, adotamos uma definição ampla de *conector* como um marcador gramatical especializado em sinalizar a natureza das relações semântico-pragmáticas entre unidades oracionais (Langacker, 1987; Lenker, 2010). Essa definição abarca elementos tradicionalmente classificados como conjunções subordinativas (e.g., *porque*, *se*, *quando*), mas também advérbios conectivos (e.g., *então*, *contudo*) e sequências complexas como as que integram as redes $[X \text{ que}]_{\text{connect}}$, $[X \text{ de}]_{\text{connect}}$ e $[[X \text{ de}] \text{que}]_{\text{connect}}$. Nesse sentido, o termo *conector* é mais amplo que *conectivo*, sendo este último reservado a um subconjunto desses recursos, correspondente às construções convencionalizadas que codificam relações semântico-pragmáticas específicas, envolvendo, por exemplo, as conjunções canônicas, bem como os pronomes relativos.

Nesse campo teórico, desponta o conceito de construção, amplamente já discutido na literatura como um pareamento de forma e de significado (cf. Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001). Esses pareamentos são armazenados na memória linguística dos falantes e podem envolver tanto material altamente específico quanto esquemas abstratos, variando em grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade (cf. Traugott; Trousdale, 2013). Essas propriedades são centrais para a análise construcionista e podem ser assim sintetizadas:

- **Esquematicidade:** grau de abstração de uma construção. Esquemas são altamente abstratos; subesquemas são instâncias intermediárias; por fim, microconstruções são mais específicas.
- **Produtividade:** diz respeito à frequência e também à capacidade de uma construção de servir como modelo para a criação de novas instâncias. Relaciona-se à extensibilidade do esquema e às restrições que o governam.
- **Composicionalidade:** grau em que significado/forma da construção pode ser ou não derivado da soma de suas partes. Pode ser sintática (integridade das subpartes) ou semântica (transparência do significado)².

Nessa perspectiva teórica, as construções organizam-se em redes hierárquicas, conectadas por relações de herança (*links*). Os constructos correspondem às ocorrências concretas de uso, isto é, às instanciações (*tokens*) das construções. No plano das representações abstratas, as *microconstruções* (ou construções específicas) representam padrões mais generalizados, mas [relativamente] preenchidos. Em um nível mais abstrato, os *subesquemas* agrupam microconstruções com propriedades formais e funcionais comuns. No topo da hierarquia, os *esquemas* representam generalizações mais amplas (ex.: o esquema *[[X de] que]_{connect}*). A noção de rede permite capturar tanto as similaridades quanto as diferenças entre construções, bem como as relações de prototipicidade e gradiência entre seus membros (Diessel, 2017; Hilpert, 2014).

² Segundo Rosário e Oliveira (2016, p. 246), “*composicionalidade semântica* diz respeito à soma dos significados das partes. Assumimos que uma construção é mais composicional em termos semânticos quando o significado das partes ainda é recuperado no significado do todo. *Composicionalidade sintática*, por sua vez, diz respeito ao nível de integridade morfosintática das subpartes, no sentido de que quanto mais composicional, mais essas subpartes retêm as propriedades gramaticais de sua categoria fonte”.

Um aspecto crucial dessa concepção é a rejeição de uma separação rígida entre léxico e gramática. Em vez disso, assume-se um *continuum* léxico-gramatical, no qual itens lexicais, expressões fixas, padrões parcialmente esquemáticos e construções altamente abstratas coexistem e se organizam de forma integrada. Essa visão permite explicar por que sequências relativamente longas e formalmente complexas podem funcionar como unidades gramaticais (relativamente) estáveis. Além disso, esse gradiente categorial permite a análise coerente de elementos procedurais que ainda guardam traços de suas categorias nominais de origem, como é o caso de *à exceção de que*, por exemplo. Essa microconstrução ainda mantém elevado grau de composicionalidade, mas também já apresenta propriedades típicas de uma construção conectora convencionalizada, em virtude da neoanálise envolvida em seu uso. Desse modo, esse *chunk* ocupa uma posição intermediária no *continuum* léxico-gramatical, sendo conceptualizado como um elemento procedural responsável pela ligação de orações no português. Isso será detalhado adiante.

As construções não existem de forma isolada, mas se organizam em redes. Essas redes, por sua vez, são estruturadas por relações de herança, similaridade e extensão, que conectam microconstruções específicas a esquemas mais abstratos. É importante frisar que uma construção pode herdar propriedades formais e funcionais de mais de uma rede, o que explica a emergência de padrões híbridos.

No caso das construções conectoras, a organização em redes é particularmente evidente. Conectores simples, construções preposicionais complexas e padrões oracionais articulam-se em domínios parcialmente sobrepostos. A rede $[[X \text{ de}] \text{que}]_{\text{connect}}$, como se argumentará adiante, emerge justamente da interação entre redes preexistentes, compartilhando propriedades formais e funcionais com mais de um domínio construcional.

A esquematicidade desempenha papel fundamental nesse processo. À medida que determinados padrões se repetem em contextos semelhantes, os falantes tendem a abstrair esquemas mais gerais, reduzindo a dependência de itens lexicais específicos. Esse movimento não é abrupto nem uniforme, mas gradual, dando origem a construções com diferentes graus de transparência composicional.

Tradicionalmente, a emergência de conectores tem sido explicada à luz do modelo da gramaticalização (cf. Rosário e Lopes, 2025). De acordo com essa perspectiva, itens lexicais ou construções menos gramaticais passam, ao longo do tempo, a assumir funções mais abstratas e gramaticais, frequentemente acompanhadas de redução semântica e formal. Esse modelo foi

extremamente produtivo para a descrição da evolução de conjunções, preposições e partículas discursivas. No entanto, diversos estudos recentes têm apontado limites no escopo da gramaticalização clássica (cf. Oliveira e Sambrana, 2022), especialmente quando se trata de explicar a emergência de construções complexas e parcialmente esquemáticas. Em muitos casos, não se observa uma trajetória linear e unidirecional que vai do léxico à gramática, nem uma perda clara de material formal. Em vez disso, o que se verifica é a reorganização de padrões já existentes no sistema.

A abordagem construcional da gramática é um escopo teórico mais recentemente adotado pela LFCU. Diferentemente da gramaticalização clássica, essa abordagem focaliza a emergência e o uso de novos pareamentos forma–função e sua integração em redes construcionais existentes, como vimos discutindo até aqui. Trata-se de um processo que envolve modulações em diferentes níveis dos planos formal e funcional das construções.

No caso da rede $[[X \text{ de}] \text{que}]_{\text{connect}}$, a explicação exclusivamente gramaticalizante mostra-se insuficiente. Não se trata simplesmente de um item lexical que se gramaticaliza, mas da combinação produtiva de elementos linguísticos previamente disponíveis, que passam a funcionar conjuntamente como um novo pareamento forma–função.

De fato, nos processos de formação dos elementos procedurais, nem sempre há necessariamente redução formal ou perda semântica. Em muitos casos, novas construções emergem por expansão, analogização ou recombinação de padrões já estabilizados na língua. Assim, o foco desloca-se do item isolado para a construção como unidade simbólica complexa, e a mudança linguística deixa de ser vista como um percurso unidirecional, passando a ser concebida como um processo multidimensional, sensível à organização em redes. Assim, uma nova construção pode surgir por atração a esquemas vizinhos, compartilhando propriedades com diferentes domínios e ocupando posições intermediárias no inventário gramatical.

Nesse ponto da discussão, é importante destacar um ponto teórico central para a compreensão da rede esquemática $[[X \text{ de}] \text{que}]_{\text{connect}}$. Neste trabalho, vamos falar em “atração inter-redes”. Esse conceito refere-se ao processo pelo qual uma construção emergente passa a alinhar-se formal e funcionalmente a uma rede construcional vizinha, reforçando sua estabilidade e ampliando sua produtividade. A atração inter-redes é mediada por relações de similaridade formal, funcional, analógica e discursiva.

A analogia, tratada como processo cognitivo de domínio geral (cf. Bybee, 2010), desempenha papel decisivo nesse processo. Falantes tendem a modelar novas expressões com

base em padrões já conhecidos e cognitivamente salientes. No eixo paradigmático, a *analogia* opera como uma força atratora, levando à criação de novas formas a partir de modelos já estabelecidos na rede (Hilpert, 2014). Quando duas redes construcionais compartilham propriedades relevantes, torna-se possível a emergência de construções híbridas, que herdaram traços de ambas.

No caso em análise, argumenta-se que a rede $[[X \text{ de}] \text{que}]_{\text{connect}}$ emerge da interação entre a rede $[X \text{ de}]_{\text{connect}}$, tradicionalmente associada à conexão de estruturas não finitas, e a rede $[X \text{ que}]_{\text{connect}}$, especializada na introdução de orações finitas. A convergência desses padrões resulta em um domínio construcional novo, cuja função principal é a conexão de orações finitas por meio de sequências complexas. A produtividade da rede $[[X \text{ de}] \text{que}]_{\text{connect}}$ decorre justamente dessa posição intermediária. Por compartilhar propriedades com redes já consolidadas, ela se torna cognitivamente acessível aos falantes, favorecendo sua expansão para novos contextos e novos preenchimentos do slot X.

Aqui é necessário destacar um ponto fundamental. Embora a origem e a emergência de novos padrões construcionais sejam mais bem compreendidas por meio de investigações diacrônicas, isso não impede que relações sincrônicas entre construções revelem aspectos importantes de sua organização e de sua motivação. Nesse sentido, Rosário e Lopes (2023), com base em dados empíricos, têm demonstrado a eficácia da construcionalidade, compreendida como a relação sincrônica que se estabelece entre duas ou mais construções e/ou redes construcionais, com o fito de apontar como uma construção A serve como base para uma construção B. Assim, a emergência da rede $[[X \text{ de}] \text{que}]_{\text{connect}}$ pode ser investigada a partir de suas relações sincrônicas com outras redes, exatamente como está proposto neste estudo.

Na abordagem construcional da gramática, defendemos que a formação de novos conectores é frequentemente explicada por processos como *chunking* e neoanálise (Bybee, 2010; Traugott; Trousdale, 2013; Rosário, 2022b). O *chunking* refere-se ao processo cognitivo pelo qual sequências de elementos frequentemente co-ocorrentes se fundem em uma única unidade de processamento (*chunk*), perdendo progressivamente a composicionalidade. Um ponto fundamental é que nem sempre o *chunk* é uma unidade linguística indissociável e totalmente invariável. Ao contrário, Bybee (2010) defende a existência de “*chunks* fracos”, o que é fundamental para a descrição da rede $[[X \text{ de}] \text{que}]_{\text{connect}}$. A *neoanálise*, por sua vez, é um mecanismo de reinterpretação que atribui uma nova estrutura ou função a uma sequência existente.

Para os fins metodológicos deste estudo, adotamos a tipologia de expansão proposta por

Himmelmann (2004), originalmente formulada para descrever processos de gramaticalização. Embora desenvolvida nesse contexto teórico, entendemos que suas categorias analíticas também oferecem um instrumental produtivo para explicar a mudança construcional envolvida na emergência da rede $[[X \text{ de}]_{\text{connect}} \text{que}]_{\text{connect}}$, especialmente no que diz respeito às expansões paradigmáticas, sintáticas e semântico-pragmáticas observadas no fenômeno em análise. Nessa perspectiva, adotaremos os seguintes tipos de expansão propostos pelo autor:

- **Mudança de classe hospedeira:** Expansão paradigmática de uma categoria, com a entrada de novos membros. Por exemplo, a rede $[X \text{ que}]_{\text{connect}}$ expande seu paradigma ao passar a hospedar construções oriundas da rede $[X \text{ de}]_{\text{connect}}$.
- **Mudança de contexto sintático:** Rearranjo na ordem ou no escopo dos constituintes, levando a uma nova estrutura regular. Aqui, os conectores da rede $[X \text{ de}]_{\text{connect}}$ mudam de contexto ao passarem a reger uma oração finita introduzida por *que*, em vez de uma oração infinitiva.
- **Mudança de contexto semântico-pragmático:** Envolve a (inter)subjativização, a resignificação e o uso em contextos anafóricos ou inferenciais. A migração para o esquema $[[X \text{ de}] \text{ que}]_{\text{connect}}$ pode estar associada a nuances discursivas específicas.

Por fim, ainda no âmbito desse arcabouço teórico, precisamos refletir, de modo mais focado, sobre a noção de *gradiência* (Bybee, 2010), que é um conceito fundamental para a análise de categorias linguísticas em abordagens baseadas no uso. A LFCU reconhece que os limites entre categorias (e entre membros de uma mesma categoria) são frequentemente difusos, formando um *continuum* em vez de compartimentos estanques. Dois tipos de gradiência (cf. Aarts, 2007) são relevantes:

- **Gradiência subsectiva (intracategorial):** Refere-se aos diferentes graus de prototipicidade entre membros de uma mesma categoria. Por exemplo, dentro dos conectores concessivos, *embora* é mais prototípico (mais frequente, mais gramaticalizado, menos composicional) do que *apesar de que*, por exemplo.
- **Gradiência intersectiva (intercategorial):** Refere-se a itens que compartilham propriedades de duas ou mais categorias, situando-se em uma zona fronteira. Os conectores do esquema $[X \text{ de}]_{\text{connect}}$, por natureza, são híbridos entre preposição e conjunção (Rosário,

2022a). O esquema $[[X \text{ de}] \text{ que}]_{\text{connect}}$ acentua essa hibridação, situando-se na interseção entre as redes $[X \text{ de}]_{\text{connect}}$ e $[X \text{ que}]_{\text{connect}}$.

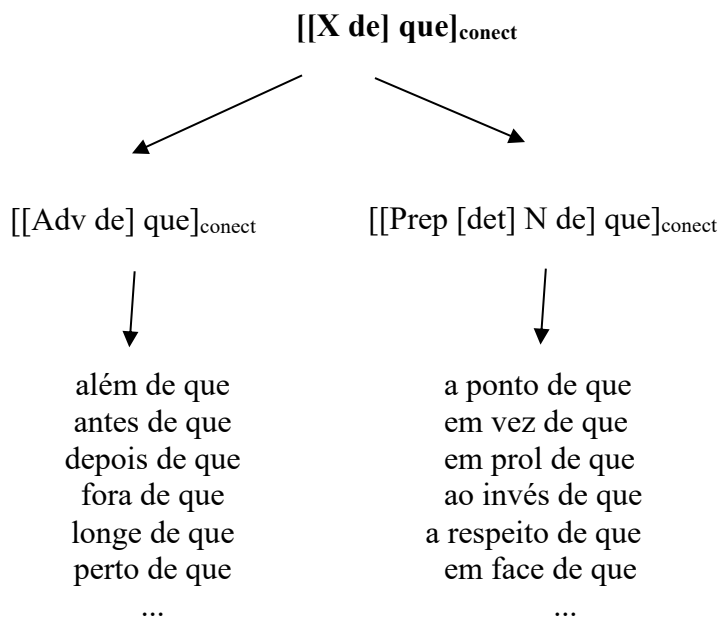
Feitas essas considerações acerca do arcabouço teórico, agora podemos apresentar uma caracterização mais clara do foco deste trabalho, que é a rede $[[X \text{ de}] \text{ que}]_{\text{connect}}$.

3. Caracterização da rede $[[X \text{ de}] \text{ que}]_{\text{connect}}$

O esquema construcional $[[X \text{ de}] \text{ que}]_{\text{connect}}$ é formalmente definido como uma estrutura em que um conector da rede $[X \text{ de}]_{\text{connect}}$ – que pode instanciar os subesquemas $[\text{Adv de}]_{\text{connect}}$ (e.g., *antes de*, *além de*) ou $[\text{Prep} [\text{det}] \text{N de}]_{\text{connect}}$ (e.g., *em vez de*, *em face de*, *a respeito de*) – é seguido pela partícula *que*, formando uma unidade que introduz uma oração subordinada adverbial finita.

Inicialmente vejamos uma representação esquemática da rede $[[X \text{ de}] \text{ que}]_{\text{connect}}$:

Esquema 3. Esquema $[[X \text{ de}] \text{ que}]_{\text{connect}}$



Fonte: produzido pelo autor

É importante notar que nem todos os conectores da rede $[X \text{ de}]_{\text{connect}}$ migram produtivamente para o esquema $[[X \text{ de}] \text{ que}]_{\text{connect}}$. Restrições de natureza semântica, fonológica, pragmática ou de colocações específicas atuam na produtividade do esquema, ora expandindo-o,

ora restringindo-o. Por exemplo, *em frente de que*, apesar de teoricamente possível, não é atestado em *corpora* atuais, indicando uma restrição forte. Esse é um ponto que merece exame mais apurado em etapas posteriores da pesquisa.

A principal propriedade funcional do esquema $[[X \text{ de}]_{\text{conect}} \text{que}]$ é introduzir orações hipotáticas finitas. Essa é a distinção crucial em relação à rede $[X \text{ de}]_{\text{conect}}$, que introduz orações não finitas. Com a introdução de *que*, o conector ganha acesso aos sistemas morfológicos de marcação modo-temporal e número-pessoal da língua, permitindo a expressão de relações temporais, modais e aspectuais mais definidas e complexas.

Vejamos algumas instâncias³ desse esquema, tomando como base alguns dados extraídos do *Corpus do Português* (NOW):

(01) Aqui todo mundo chega para jogar a hora que quer. Deixam as lâmpadas ligadas. Aqui é tudo aberto. Não tem uma organização como a gente vê em os outros bairros "», disse o morador. Em o dia de hoje, ninguém se manifestou como "« responsável "» por o lugar, **[apesar de que]** a quadra é usada por alunos de duas escolas de o bairro para as aulas de educação física]. O garçom identificado como Weberson Lima Vieira, de 23 anos, que trabalhava em o restaurante Malagueta, localizado em a zona Leste de Teresina, morreu eletrocutado após tocar em um de os postes de iluminação de o lugar. Fonte: <http://180graus.com/sirene-policia/vizinhos-dizem-que-incidente-nao-e-o-1-em-quadra-que-morreu-garcom>. Acesso em 05/08/2023

(02) Paqueradora Paquerar com outros só para provocar ciúmes. Talvez ela se sinta insegura ou não se é realmente amada por o parceiro e por isso logo após uma pequena briga, sem razão aparente ela começa a paquerar com outro homem. Os homens consideram esta prática cruel, **[além de que]** trata-se de um sinal de imaturidade e de manipulação feminina]. Posts Relacionados Falta pouco! Estamos contando em os dedos quantos dias ainda restam para transformação total de o Facebook em Orkut. Fonte: <http://ahduvido.com.br/> Acesso em 05/08/2023

(03) Por Deus prever o que ocorre em o futuro, Ele sabe tudo que eu, você, teus filhos, a torcida de o flamengo, haveremos de fazer, seja o que é bom seja o que é ruim, todavia não interfere **[em face de que]** acabaria pondo por terra o livre arbítrio]. Deus manda a gente fazer o que é bom, nós é que maldosamente fazemos o que não presta e ainda diz que foi de a vontade de Deus. Deus não

³ Conforme indicado no resumo, este artigo tem natureza predominantemente teórica. Em função desse enquadramento e das restrições de espaço, apresentamos apenas algumas ocorrências selecionadas, acompanhadas de análises qualitativas sucintas. Os dados foram extraídos do *Corpus do Português* (<http://www.corpusdoportugues.org/>), utilizando-se a interface *NOW*, que reúne amostras recentes do português (2012–2019). Em todos os dados, indica-se o link para consulta das fontes originais.

manda guerrear contra ninguém. Fonte: <http://noticias.gospelmais.com.br/faltam-jesus-voltar-mundo-acabar-evangelista-50478.html> Acesso em 05/08/2023

(04) Aceitamos a existência de o estado de israel. OBS: Não tendo necessidade de nós definirmos onde será esse estado final, pode ser em quaisquer local de o planeta, ai teremos de ver mais a fundo um bom local. E também não mentiremos a respeito de nossos corações, **[a respeito de que]** os mesmos (nossos corações) não aceitam a existência de Israel em quaisquer local de o mundo], devido a sempre termos ajudados as judeus em séculos e eles agora se voltam contra a gente se aliando a seus reais agressores. Fonte: <http://myciw.org/forums/showthread.php?t=1223> Acesso em 05/08/2023

(05) Estas legendas são semelhantes a as legendas só de diálogo, **[à exceção de que]** transmitem não só o conteúdo de o diálogo falado, como também equivalentes a a informação de áudio sem diálogo], necessários para compreender o conteúdo de o programa, incluindo efeitos sonoros, música, risos, localização e identificação de o interlocutor. Nota 2: As Legendas Ocultas são equivalentes que podem ser ativadas e desativadas em alguns leitores multimídia. Fonte: <http://www.ilearn.com.br/TR/WCAG20/> Acesso em 05/08/2023

Nos dados (01), (02), (03), (04) e (05), respectivamente, verificamos o uso dos conectores *apesar de que*, *além de que*, *em face de que*, *a respeito de que* e *à exceção de que*. Todos eles são formados por um conector da rede [X de]_{connect} (*apesar de*, *além de*, *em face de*, *a respeito de*, *à exceção de*) acrescido da partícula *que*. Devido à sua configuração formal, eles passam a pertencer ao esquema construcional [[X de]que]_{connect}.

Em (01), *apesar de que* expressa a noção semântica de concessão. A posposição da oração concessiva funciona como uma espécie de ressalva. Em (02), *além de que* indica a noção semântica de adição ou ultrapassamento (cf. Rosário; Santos, 2022). Mais uma vez a oração é posposta, funcionando como um adendo. Em (03), *em face de que* expressa a ideia de causa, que mais uma vez é posposta ao segmento nuclear. Em (04), *a respeito de que* expressa a ideia de assunto. Esse conector estabelece uma relação de paralelismo com “a respeito de”, anteriormente utilizado no mesmo período com valor preposicional. Por fim, em (05), *à exceção de que* veicula a noção de exceção, funcionando semanticamente como uma espécie de “subtração”. Em todos esses cinco dados, há uma característica bastante marcada: todas as orações introduzidas por esses conectores do subesquema [[X de]que]_{connect} são hipotáticas e são instanciadas por formas verbais finitas.

Como demonstrou Rosário (2022a), a rede [X de]_{connect} conjuga-se com o uso categórico do

infinitivo, compreendido desde uma nominalização lexical (como é o caso do infinitivo em posição nuclear do sintagma) até uma forma verbal com marcas flexionais (como é o caso do infinitivo pessoal no português). O infinitivo indica uma relação atemporal complexa (cf. Langacker, 1987, p. 249). As formas verbais finitas, por outro lado, justamente por seu caráter mais dinâmico, veiculam processos, pois permitem a expressão de eventos em uma dimensão temporal mais definida de presente, passado ou futuro.

Com isso, é possível defender que a migração de conectores da rede [X de]_{connect} para a rede [X que]_{connect} cumpre o objetivo de tornar tais elementos de conexão mais versáteis e produtivos, uma vez que passam a admitir a expressão modo-temporal e número-pessoal. Assim, em (01) e em (02), por exemplo, as noções de concessividade e de adição/ultrapassamento fundamentam-se em uma dimensão de presente (*apesar de que* a quadra é usada por alunos de duas escolas de o bairro; *além de que* se trata de um sinal de imaturidade e de manipulação feminina); em (03), por sua vez, a noção de causalidade enquadra-se em um viés hipotético, haja vista o uso do futuro do pretérito (*em face de que* acabaria pondo por terra o livre arbítrio). A rede [X de]_{connect}, ao contrário, como só admite o uso do infinitivo, não permite a expressão refinada de noções modo-temporais.

No processo de surgimento dos conectores das línguas humanas, normalmente apontam-se os processos de *chunking* e neoanálise, decorrentes da união de advérbios, preposições, verbos e outras unidades linguísticas a outras partículas de ligação. Partimos da hipótese de que esses mesmos processos possam ocorrer na interação entre as redes [X de]_{connect} e [X que]_{connect}, uma vez que *apesar de que*, *além de que*, *em face de que*, *a respeito de que*, *à exceção de que* e outros conectores podem ser concebidos como novos “empacotamentos” linguísticos. Em outras palavras, já não há [apesar + de + que], como uma sequência de três elementos autônomos, mas uma certa fusão entre eles, de modo que se pode falar em um único conector [*apesar de que*], ainda que não canônico e com certo grau de composicionalidade sintática, ou seja, trata-se de um *chunk* fraco.

Cumprе salientar que a semântica das microconstruções do esquema [[X de] que]_{connect} é fortemente persistente (Hopper, 1991) em relação à sua fonte na rede [X de]_{connect}. O significado básico da relação (concessão, adição, causa, tópico, exceção) é mantido. No entanto, a migração para um contexto de oração finita tem o potencial de ativar ou acentuar nuances inferenciais e pragmáticas específicas, o que pode ser percebido na relação modo-temporal já indicada anteriormente. Assim, *apesar de que*, no dado (01), é recrutada para um contexto de assertividade, haja vista o uso de presente do indicativo; já *em face de que*, no dado (03), resvala

para um ambiente de hipótese, devido ao uso do futuro do pretérito do indicativo. As microconstruções da rede $[X \text{ de}]_{\text{connect}}$, empregada no português essencialmente com verbos não finitos, já não seriam capazes de expressar esses matizes.

Com relação ao parâmetro da esquematicidade, defendemos que $[[X \text{ de}] \text{ que}]_{\text{connect}}$ é um esquema, com, no mínimo, dois subesquemas relacionados: $[[\text{Adv de}] \text{ que}]_{\text{connect}}$ e $[[\text{Prep [det] N de}] \text{ que}]_{\text{connect}}$. No tocante à produtividade *type*, esse é um ponto ainda em aberto, mas aparentemente há uma produtividade “moderada”; afinal, nem todas as microconstruções do esquema $[X \text{ de}]_{\text{connect}}$ são recrutadas para $[[X \text{ de}] \text{ que}]_{\text{connect}}$, como é o caso de *em frente de que*. Com relação à produtividade *token*, isto é, à frequência de ocorrência, a análise qualitativa sugere que essas microconstruções não apresentam elevada recorrência nos dados examinados. Trata-se, contudo, de uma impressão analítica, que deverá ser confirmada por investigações quantitativas específicas em momento posterior a este trabalho.

Por fim, é preciso discutir cuidadosamente a questão da composicionalidade. As microconstruções da rede $[[X \text{ de}] \text{ que}]_{\text{connect}}$ exibem um alto grau de composicionalidade sintática e semântica. Em muitos casos, é possível que o falante/ouvinte analise a sequência como [Conector $[X \text{ de}]$ + partícula *que*], sem que se perceba uma fusão completa entre as subpartes.

Esse sensível grau de composicionalidade é um forte indício de que estamos diante de um padrão em estágio intermediário de convencionalização. De fato, as microconstruções conectoras da rede $[[X \text{ de}] \text{ que}]_{\text{connect}}$ ainda preservam elevada transparência formal e semântica, distinguindo-se das conjunções canônicas da língua portuguesa. Por outro lado, defendemos que esses elementos também não são meras sequências livres, pois discursivamente cumprem papel análogo ao dos elementos procedurais da rede $[X \text{ que}]_{\text{connect}}$, ou seja, introduzem relações gramaticais de conexão oracional por meio de valores semânticos diferenciados.

Essa relativa composicionalidade, com boa preservação das subpartes, é uma das motivações para representarmos esse esquema como $[[X \text{ de}] \text{ que}]_{\text{connect}}$, e não como $[X \text{ de que}]_{\text{connect}}$. Os colchetes internos graficamente servem para demonstrar tanto a origem dessas microconstruções no esquema $[X \text{ de}]_{\text{connect}}$ quanto representar, ao mesmo tempo, a relativa composicionalidade ou a mínima fusão entre o “de” e o “que”.

O esquema $[[X \text{ de}] \text{ que}]_{\text{connect}}$ é um exemplo paradigmático de gradiência intersectiva, dadas as suas características fronteiriças. Seus membros participam simultaneamente de duas redes: a) da rede $[X \text{ de}]_{\text{connect}}$, herdando a estrutura formal de base e a semântica nuclear; b) da rede $[X \text{ que}]_{\text{connect}}$, herdando a função de introduzir orações finitas e o padrão formal de acréscimo de *que*.

Além disso, há gradiência subsectiva interna ao próprio esquema, o que se verifica por meio dos seus diferentes níveis de composicionalidade. Algumas microconstruções estão mais estabilizadas (e.g., *apesar de que*, *além de que*), aproximando-se de um status mais "conjuncional". Por outro lado, outras são mais composicionais e mais dependentes do contexto (e.g., *a respeito de que*), alocando-se mais à margem da macrocategoria dos conectores.

Em relação aos conectores canônicos, as microconstruções conectoras da rede $[[X \text{ de}] \text{ que}]_{\text{connect}}$ ocupam, de modo geral, uma posição periférica e não prototípica. Sua baixa frequência relativa, alta composicionalidade e ausência nas gramáticas normativas os tornam marcados. No entanto, sua existência e produtividade moderada atestam igualmente a plasticidade e a natureza expansiva do sistema de conexão do português. Elas representam uma estratégia criativa e sistemática para expandir o inventário dos conectores, recrutando material já disponível na gramática da língua, formando novas camadas (cf. Hopper, 1991) de gramática.

Com base nesse breve exame da rede $[[X \text{ de}] \text{ que}]_{\text{connect}}$, é possível sintetizar as propriedades formais e funcionais que a caracterizam. Para isso, apresentamos o didático quadro de Croft (2021, p. 18), preenchido com os traços principais do fenômeno aqui em análise:

Quadro 1 – Representação do esquema construcional $[[X \text{ de}] \text{ que}]_{\text{connect}}$

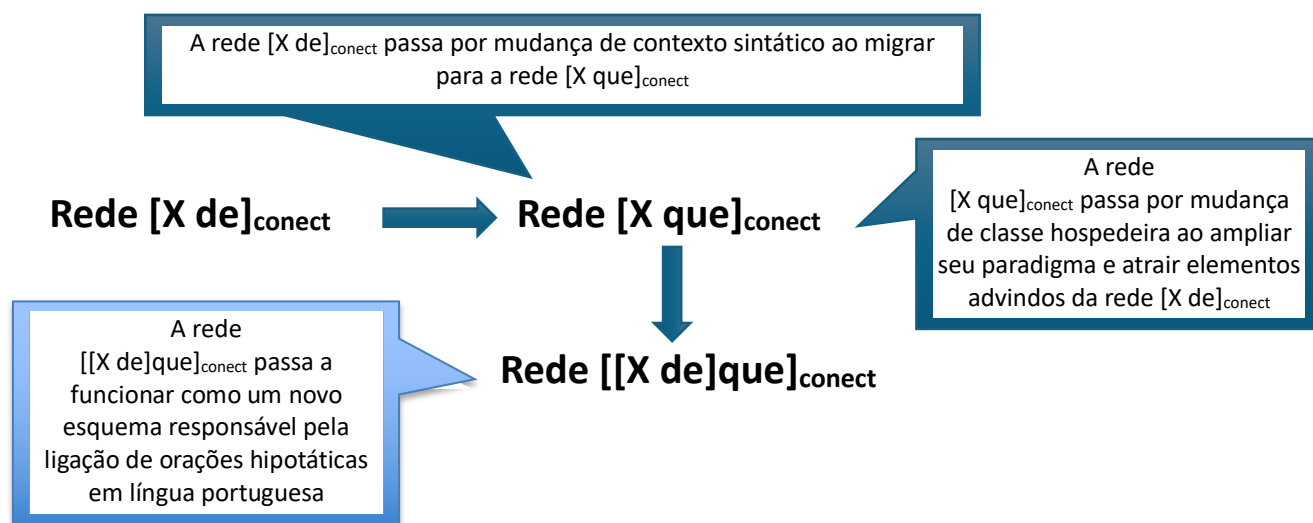
Forma	Propriedades fonológicas	• Ausência de redução fonética entre as subpartes: os segmentos que compõem o esquema mantêm, em geral, sua forma plena. • Ausência de pausas internas obrigatórias, favorecendo a interpretação como <i>chunk fraco</i>. • Possível integração prosódica ao início da oração hipotática finita, reforçando seu estatuto conector.
	Propriedades morfológicas	• Funcionamento análogo ao de conectores canônicos, embora com menor prototipicidade. • Estrutura morfolologicamente complexa, formada por material já disponível na gramática ($[[X \text{ de}] + \text{que}]$), recrutado em relações de analogização. • Slot X preenchido por advérbios (<i>além</i>, <i>antes</i>, <i>depois</i> etc.) ou por construções preposicionais complexas ($[[\text{Prep} + (\text{Det}) + \text{N}]]$). • Alta composicionalidade morfológica, com transparência das subpartes. • Ausência de fixação categorial plena: o conector não se reduz a uma conjunção simples. • Evidências de neoanálise, mas não de morfologização total.
	Propriedades sintáticas	• Função principal: introdução de orações hipotáticas finitas. • Preferência pela posição posposta da oração conectada em relação ao núcleo. • Expansão de contexto sintático: migração de elementos procedurais do esquema $[[X \text{ de}]_{\text{connect}}$, responsável pela ligação de orações não finitas para o esquema $[[X \text{ de}] \text{ que}]_{\text{connect}}$.

		responsável pela integração de orações finitas. • Comportamento sintático similar ao de conectores da rede [X que]_{connect}, embora com estatuto periférico.
Conteúdo	Propriedades semânticas	• Forte persistência semântica em relação à rede-fonte [X de]_{connect} (Hopper, 1991). • Veiculação de valores típicos da hipotaxe adverbial, como concessão (<i>apesar de que</i>), adição/ultrapassamento (<i>além de que</i>), causa (<i>em face de que</i>), tópico/assunto (<i>a respeito de que</i>) e exceção (<i>à exceção de que</i>). • Ampliação das possibilidades de expressão de informação semântica pela introdução de marcação modo-temporal e número-pessoal. • Possibilidade de ativação de leituras hipotéticas, assertivas ou factuais, conforme o tempo/modo verbal da oração hipotática.
	Propriedades pragmáticas	• Uso frequente em contextos de ressalva, adendo, justificativa ou explicitação. • Contribuição para a argumentação e para a progressão inferencial. • Efeitos de (inter)subjativização.
	Propriedades discursivo-funcionais	• Atuação clara na organização do discurso, marcando relações lógicas entre segmentos. • Papel relevante na expansão informacional do enunciado. • Contribuição para a coesão textual em níveis local e global. • Inserção periférica, mas sistemática, no inventário de conectores do português contemporâneo.

O Quadro 1 sintetiza o que vimos discutindo ao longo deste artigo, com foco nas características centrais do esquema em análise. Com relação ao processo de formação e/ou emergência desse esquema, a análise diacrônica, com foco em dados históricos, poderia nos oferecer uma explicação categórica. Contudo, a partir de dados sincrônicos e com base nas relações de construcionalidade, podemos asseverar que houve uma mudança de classe hospedeira na rede [X que]_{connect}, a partir do momento em que esse esquema passou a ser “alimentado” também pela rede [X de]_{connect}. Esse movimento desencadeou uma verdadeira expansão paradigmática da rede [X que]_{connect}, que se tornou mais ampla, produtiva e complexa, já que agora ela passa a atrair não só elementos morfológicos, mas também conectores oriundos da rede [X de]_{connect}.

Concomitantemente, os conectores da rede [X de]_{connect} sofreram mudança de contexto sintático, pois ao migrarem para a rede [X que]_{connect}, passaram a ligar orações finitas, com capacidade de expressar relações modo-temporais mais definidas. Essas duas forças são complementares e podem ser esquematizadas assim:

Esquema 4 - Inter-relação entre as redes [X de]conect, [X que]conect e [[X de]que]conect



Fonte: autoria própria

Como se verifica, há uma forte relação inter-redes, de caráter bastante dinâmico. Na formação das microconstruções conectoras alinhadas ao esquema [[X de] que]_{conect}, destacam-se os processos de neoanálise e de analogização. Como já indicado neste trabalho, a neoanálise opera no eixo sintagmático. Uma sequência original como [*apesar de*] [*que...*] (onde *que* poderia ser inicialmente analisado como um relativo ou integrante com função diferente) é analisada de modo novo e inaugural, como uma única unidade conectora [*apesar de que*], com escopo sobre toda a oração seguinte. Essa “nova análise” é facilitada pela frequência e produtividade do esquema [X que]_{conect} na língua.

A analogia, por sua vez, opera no eixo paradigmático. O esquema abstrato [X que]_{conect}, já contendo subesquemas como [Adv+que] (*logo que*), [Prep+que] (*para que*), [V+que] (*dado que*), funciona como um modelo atrator muito forte na memória dos falantes. As microconstruções da rede [X de]_{conect}, por sua vez, são atraídas para esse modelo. Uma vez convencionalizada uma microconstrução do esquema [[X de] que]_{conect}, ela pode servir de modelo para a formação de outras (e.g., *além de que*, *em face de que*), em um produtivo processo de extensão analógica.

4. Considerações finais

Este artigo teve como objetivo central descrever e explicar a emergência e o funcionamento da rede construcional [[X de]que]_{conect} no português contemporâneo, tomando como ponto de partida os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso e, em especial, o

modelo da abordagem construcional da gramática. Inicialmente partimos da hipótese de que as microconstruções derivadas desse esquema não constituem usos idiossincráticos, mas integram um processo sistemático de expansão do inventário de conectores da língua, ancorado em mecanismos amplamente reconhecidos pela literatura, como neoanálise, analogização e *chunking*. Os resultados obtidos ao longo da análise parecem confirmar essa hipótese, permitindo avançar na compreensão do estatuto dessas microconstruções no sistema linguístico.

A investigação demonstrou que a rede $[[X \text{ de}]_{\text{connect}} \text{que}]_{\text{connect}}$ se organiza como produto da expansão formal e funcional da rede-fonte $[[X \text{ de}]_{\text{connect}}]$, preservando traços estruturais e semânticos fundamentais, ao mesmo tempo que incorpora inovações. O recrutamento do elemento *que* e a consequente ligação a orações finitas ampliam significativamente o escopo sintático e discursivo dessas microconstruções, sem que se perca a relação primária com a base preposicional original. Tal constatação reforça a ideia de que a gramática do português se estrutura em redes gradientes e interconectadas, nas quais inovação e herança coexistem de forma dinâmica, afastando explicações baseadas em rupturas categóricas ou listas fechadas de conectores.

A análise evidenciou que a rede $[[X \text{ de}]_{\text{connect}} \text{que}]_{\text{connect}}$ apresenta propriedades relativamente estáveis no plano morfológico, ainda marcadas por transparência formal e relativa composicionalidade, o que sinaliza um estágio intermediário de convencionalização. Em contrapartida, os estratos sintático, semântico e discursivo-funcional revelam maiores alterações em relação à categoria-fonte, visto que a rede $[[X \text{ de}]_{\text{connect}} \text{que}]_{\text{connect}}$ desempenha papel relevante na articulação de relações hipotáticas finitas via concessão, adição, causa, assunto, exceção etc. Observamos, ainda, que tais conectores operam como recursos eficazes de organização textual.

No plano pragmático-discursivo, os dados analisados mostram que $[[X \text{ de}]_{\text{connect}} \text{que}]_{\text{connect}}$ se associa frequentemente a estratégias de ressalva, comentário avaliativo e expansão explicativa, o que aponta para processos de (inter)subjetivização. Esses usos reforçam o caráter funcionalmente motivado da rede, evidenciando que sua emergência responde a demandas comunicativas concretas dos falantes. Assim, o estudo contribui para descrever não apenas uma inovação no rol dos conectores, mas também um padrão de uso que reflete escolhas discursivas específicas no português contemporâneo, o que é relevante para o campo dos estudos funcionalistas e construcionistas em português.

Em termos mais amplos, a principal contribuição deste trabalho reside em demonstrar que a rede $[[X \text{ de}]_{\text{connect}} \text{que}]_{\text{connect}}$ é parte integrante do sistema de conectores do português, ainda que em

posição periférica em relação aos membros mais prototípicos dessa classe. Ao evidenciar sua coerência interna, seu papel discursivo e sua motivação funcional, o estudo amplia o entendimento sobre os caminhos de expansão da gramática e reforça a importância de abordagens que privilegiam redes construcionais, usos reais e gradiência.

Antes de encerrarmos este artigo, é preciso reconhecer que o estudo da rede `[[X de]que]connect` constitui um empreendimento de fôlego, tendo em vista sua alta complexidade teórica e empírica. A investigação aqui desenvolvida configura-se, assim, como uma primeira incursão sistemática nesse domínio, abrindo uma agenda de pesquisa que demanda desdobramentos futuros. Estudos subsequentes poderão investir em abordagens quantitativas mais refinadas, no aprofundamento das dimensões pragmáticas envolvidas, na análise das diferenças internas entre as microconstruções que compõem o paradigma, bem como em perspectivas diacrônicas e em outras questões ainda em aberto. Não obstante, os primeiros passos nessa longa estrada já foram dados, delineando caminhos analíticos promissores.

Esperamos que os resultados iniciais aqui apresentados sirvam de estímulo a investigações futuras capazes de aprofundar a compreensão dos processos de inovação e reorganização construcional dos conectores do português. Entre os diversos desdobramentos possíveis, merecem destaque aqueles relacionados ao ensino, cujas práticas podem ser significativamente potencializadas a partir de uma descrição mais fina, funcionalmente orientada e empiricamente fundamentada do funcionamento desses conectores na língua em uso.

5. Referências

AARTS, B. *Syntactic gradience: the nature of grammatical indeterminacy*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

ARENA, A. B. *Construcionalização do conector “daí que” em perspectiva funcional centrada no uso*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2015.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CEZARIO, M. M.; SILVA, T. S.; SANTOS, M. Formação da construção `[X que]connect` no português. *Escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, Nilópolis, v. 6, n. 3, p. 229–243, set./dez. 2015.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIESEL, H. Usage-based linguistics. In: ARONOFF, M. (org.). *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2017.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2013. p. 12–39.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a Construction Grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In: BISANG, W. et al. (Eds.). *What makes grammaticalization? A look from its fringes and its components*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21–42.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). *Approaches to grammaticalization*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17–35.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar: theoretical prerequisites*. v. 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LENKER, U. *Argument and rhetoric: adverbial connectors in the history of English*. Berlin; New York: De Gruyter Mouton, 2010.

LIMA-HERNANDES, M. C. *Processos sociocognitivos da mudança gramatical: estruturas X-que do português*. 2010. Tese (Livre-docência) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, M. R.; SAMBRANA, V. R. M. A complementaridade da gramaticalização e da construcionalização para a pesquisa da formação de marcadores discursivos em português. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 56, p. 318–333, maio/ago. 2022.

OLIVEIRA, T. P.; ROSÁRIO, I. C. Reflexões funcionalistas para o ensino da junção oracional. In: NEVES, H.; GUIMARÃES, L. M.; PEDROSA, O.; BARRETO FILHO, R. R.; COSTA, G. (Orgs.). *Linguagem e interação em contextos educacionais*. 1. ed. Campinas: Pontes, 2023. p. 143–164.

ROSÁRIO, I. C. Esquema [X de]conect em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 56, p. 362–378, maio/ago. 2022a.

ROSÁRIO, I. C. *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação*. Niterói: EdUFF, 2022b.

ROSÁRIO, I. C. Variação e mudança no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso. In: ROSÁRIO, I. C. *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação*. Niterói: EdUFF, 2022c. p. 113–142.

ROSÁRIO, I. C.; LOPES, M. G. Constructionalidade e mudança na sincronia. In: ROSÁRIO, I. C. (org.). *Metodologia da pesquisa funcionalista*. Porto Velho: EDUFRO, 2023. p. 89–112.

ROSÁRIO, I. C.; LOPES, M. G. Conexão e argumentação: ensino e pesquisa. In: CASTANHEIRA, D.; CEZARIO, M. M. (Orgs.). *Funcionalismo linguístico e ensino*. 1. ed. São Carlos: Pedro & João, 2025. p. 173–196.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233–259, 2016.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Linguística funcional no século XXI: *quo vadis?* In: BISPO, E. B.; SILVA, J. R.; SOUZA, M. M. (orgs.). *Pesquisas funcionalistas: da versão clássica à perspectiva centrada no uso – uma homenagem a Maria Angélica Furtado da Cunha*. 1. ed. Natal: EdUFRN, 2021. p. 384–429.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R.; LOPES, M. G. Estratégias de conexão do português em uso no Brasil. In: CEZARIO, M. M. C.; MARQUES, P. M.; CASTANHEIRA, D. (Orgs.). *Pesquisas funcionalistas e aplicações ao ensino superior*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024. p. 215–248.

ROSÁRIO, I. C.; SANTOS, M. S. Construções hipotáticas oracionais aditivas de extensão. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 18, p. 45–64, 2020.

ROSCH, E. Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LLOYD, B. B. (Eds.). *Cognition and categorization*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1978. p. 27–48.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
